

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM. — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3\$600 rs. — Semestre 1\$920 rs. — Trimestre 1\$000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 19. — SABBADO, 10 DE MAIO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4\$000 — Semestre 2\$100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

SUMMARY.

Jorge, romance contemporaneo (continuação) — O reino das flores (continuação) — Suspiros — Rua em Hakodate: prestito funebre — Viagem d'elrei o senhor D. Pedro v (continuação) — Os zuavos (continuação) — O berço imperial — Porque? — Maki e Barko — Bibliographia — O 2.º duque de Lafões — Chronica semanal. — O vapor Cisne passando a ponte de Galata — Bibliographia.

GRAVURAS. O 2.º duque Lafões — Rua em Hakodate: prestito funebre — O berço imperial — O vapor Cisne passando a ponte de Galata.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

VIII

(Continuado do n.º 18).

Eram pouco mais ou menos 10 horas da manhã quando o brigue que Jorge commandava, erguia ferro, largando as velas á viração propicia. Mauricio observava attentamente o horizonte. Do feliz exito d'aquella viagem dependia a fortuna para os dois. Jorge passeava agitado, e de quando em quando uma nuvem vinha carregar-lhe o rosto.

Havia duas horas que navegavam, de repente Mauricio, deixando a proa onde havia tempo se conservava com o oculo na mão, aproximou-se de Jorge, e disse-lhe o que fosse ao ouvido. Este fez-se pallido como um cadaver; depois pegando no oculo, assentou-o na mesma direcção.

— Não ha duvida, é uma fragata ingleza que nos vem dar caça; dentro de duas ou tres horas estamos infallivelmente agarrados. Não se perca um instante, é forçoso aproximar-mo-nos da terra para largar os negros.

As ordens foram immediatamente executadas. D'alli a pouco a fragata, achando-se ainda a ponderavel distancia, fez um tiro; ao mesmo tempo Mauricio fez saltar a rolha de uma garrafa de Champanhe, e offerecendo um copo a Jorge, exclamou:

— A' saude dos nossos fieis aliados, visto que nos recebem com tanta cortezia.

Jorge olhou fito para elle, pasmado de similhante sangue frio.

— Rapazes chega ás obras, — e Mauricio começou a dar as vozes de uma nova manobra.

— Se não fosse por ti, disse Jorge, e por esta pobre gente, fazia-o voar agora mesmo.

A fragata fez outro tiro, e d'essa vez a balla veio sumir-se a poucas braças da embarcação.

— Andar lesto, bradou Mauricio, quando não estes cães são capazes de nos metter a pique.

Os escaleres tinham sido arriados, e os negros estavam a salvo.

— Bem, agora podem vir quando quizerem.

Uma terceira detonação escutou-se mais proxima, e o gorapez do brigue estalou em pedaços.

— E' preciso desfazer o bordo e entregarmo-nos, disse Mauricio, quando não, vamos expor a tripulação.

A fragata continuava fazendo fogo, e o brigue desempedido de quasi toda a carga, seguia com prodigiosa velocidade; todavia a fragata estava a tal distancia, que a salvação era impossivel.

Uma das vergas voou em pedaços, no mesmo momento Jorge caíu redondamente no chão; um estilhaço havia-lhe fendido a testa, e o sangue inundava-o correndo em borbotões. Mauricio precipita-se sobre elle, põe-lhe a mão sobre o coração, e reconheceu ser um desmaio proveniente da violencia do golpe. Observou a ferida, e viu que não era mortal. Tomou-o nos braços, e conduziu-o para baixo, ligando-lhe precipitadamente a cabeça com as ataduras que achou á mão. Depois, correndo ao convez, continuou a dirigir a manobra. A fragata, vendo que o brigue não tentava oppor resistencia, dentro de poucos minutos estava proxima a abordar.

Então Mauricio dirigiu-se com o porta-voz na mão ao official inglez que chegava á falla.

— São acasos da guerra, disse-lhe este em hespanhol, e com certa amabilidade pouco vulgar nos seus compatriotas.

Jorge tinha voltado a si, e subindo ao convez, apparecera pallido e ensanguentado junto de Mauricio.

Um escaler da fragata com dois officiaes, abordou ao brigue, o navio foi minuciosamente examinado, e os prisioneiros conduzidos para o navio inglez.

Jorge teve ainda força para descer pelo seu pé, porém no momento de chegar á embarcação inimiga, caíu novamente nos braços de Mauricio.

O desmaio foi longo; quando voltou a si, achou-se n'uma camara sumptuosamente mobilada.

Em pé, com a respiração anhelante, e os olhos fitos sobre elle, estava uma mulher; era Georgina. O mancebo cravou a vista pasmada, e meia delirante sobre ella.

— Sou eu Jorge, sou eu que estou aqui, disse a ingleza com voz cortada de lagrimas. Não lhe devo a vida de meu pae? A providencia deparou-me este momento para o poder salvar...

— Oh! Georgina é um sonho tudo isto, o delirio da febre, Sancto Deus! ou a realidade que tenho diante de mim?

— Soregue, não pense agora, fallaremos amanhã...

— E' escusado... sei tudo... exclamou Jorge como se uma luz se lhe accendesse repentinamente aos olhos do espirito, Sir James Sterling é o commandante d'este navio... e Georgina...

— Eu sou tua mulher...

A cabeça do mancebo caíu outra vez sobre o travesseiro, levou aos labios a mão de Georgina, e ficou submergido n'uma especie de lethargo.

A luz frouxa que illuminava aquelle breve aposento, oscilando com o jogar do navio, reflectia-se singularmente sobre os dois. De quando em quando, um clarão mais vivo illuminava o rosto pallido e suave d'aquella mulher angelica, outras retractava-se na face livida e transtornada do mancebo.

No fim de dois dias Jorge estava completamente livre

de perigo. Georgina continuava a ser constante enfermeira do mancebo; este, depois da scena que acima descrevemos, guardára o mais completo silencio em relação ao passado.

Sir James Sterling prodigalizava aos dois prisioneiros as demonstrações mais vivas de interesse, e o resto da officialidade seguia de perto o seu exemplo.

A viagem estava quasi terminada, as costa de S. Helena deviam apparecer em breve.

Era noite. Jorge embuçado nas amplas dobras de uma capa negra, excessivamente pallido e abatido ainda, tinha-se encostado á amurada do navio, e dilatava a vista para o mar, cujas ondas bonancosas vinham quebrar suavemente no costado do barco.

A lua resvalava no firmamento, e milhões de estrellas desmaiadas estremeciam no ceu.

Georgina estava ao pé d'elle. Ao clarão da lua o mancebo viu duas lagrimas brilharem nos olhos da ingleza, e saltarem ás faces.

No convez estavam apenas o official de quarto, e o timoneiro; por estes mesmos não podiam ser vistos os dois no logar em que se achavam.

Jorge aproximou-se d'ella e pegou-lhe na mão. Um tremor forte e subito percorreu o corpo da dama.

— A nossa viagem está quasi terminada, disse elle em voz baixa, d'aqui a dois dias teremos de nos separar de novo, e só um accaso nos tornará a juntar n'este mundo. Sabe a minha historia, abri-lhe o meu coração com a mesma franquesa com que o faria a Deus. Todos os segredos, todos os desvarios, todos os erros imperdoaveis da minha vida, lhe disse; agora, o que não disse, Georgina, foi que a amava com mais paixão do que nunca. Suppuz que teria força para o sacrificio, suppul-o assim em Londres, quando ouvi seus labios revellarem-me a situação em que estava; n'este instante vejo que a não tenho. A' idéa de que pertence a outro, sinto morder nas entranhas todas as viboras do ciume; ha momentos em que me preoccupa o pensamento de terminar a existencia por um grande crime.

Georgina escutando a voz, e contemplando o rosto d'elle transtornado pela angustia, sentiu desfallecer o animo, e exclamou lavada em lagrimas:

— Jorge, pela memoria de sua mãe, por sua pobre irmã, por aquelle outro anjo de innocencia com quem deve unir-se... por mim em ultimo logar... Jura-me agora aqui, sobre esse crucifixo que traz ao peito, que ha de ter força e resignação para supportar a vida...

A ingleza caíra de joelhos aos pés do mancebo. Era a imagem do anjo que desce á terra para desviar da perdição o homem. Elle tomou-a em peso nos braços, e pela primeira vez os labios de ambos se uniram n'um beijo rapido e ardente.

N'esse momento a sombra de um vulto projectou-se na amurada opposta, onde a lua batia em cheio. D'alli a pouco Mauricio e alguns officiaes subiram ao tombadilho. Jorge affastou-se mansamente, e Georgina deixou-se cair sobre um banco meia desfallecida. O vento commecçou a soprar mais forte, e a fragata corria a um largo cortando velozmente as ondas que principiavam a agitar-se.

A romper da aurora no dia seguinte, estavam defronte da ilha onde o Prometheu moderno esgotou o calix do seu longo martyrio.

D'alli a dois dias Georgina, pallida como uma morta, porém com voz firme e os olhos seccos, dizia adeus a Jorge; este e Mauricio partiam n'um vapor para o Rio de Janeiro.

Continua.

BULHÃO PATO.

O REINO DAS FLORES.

(Continuado do n.º 17.)

III

Sua antiguidade.— Primeiros tempos historicos.— Praticas e usos dos primeiros imperadores.— Limites do imperio, montanhas, rios, clima e produções.— População, causas do seu prodigioso desenvolvimento.

Muito se tem escripto e dissertado sobre a origem do imperio chinez, e desse povo, que vivendo á parte no meio do mundo, tanto maravilha as jovens nações da Europa pela antiguidade da sua civilisação. Incerta e fabulosa, á similhança da de todas as nações de que falla a historia antiga, como tal a reconhecem os proprios chins, apesar do seu orgulho nacional, que neste ponto levam á maior exaggeração.

É, porém, certo que a nação central prende directamente com a mais remota e obscura antiguidade. Para disto nos convencermos basta considerar, que as primeiras noções da historia dignas de fé, alcançando a vinte e tres seculos antes da vinda de Christo, já nos apresentam a China com a sua civilisação completamente organizada, e com pequenas differenças da que hoje lhe conhecemos. Parece que safu f-ita de molde, como se algum mysterioso acontecimento a tivesse de repente revelado e imposto aos chins; ou então longos seculos se passariam no seu lento progresso, do qual todavia não apparecem vestigios historicos, como aliás succede a respeito da marcha de todas as outras civilisações conhecidas.

Os historiadores do reino do meio reconhecem a Fohi por fundador da monarchia, e representam-no em corpo de serpente e cabeça de homem. A Xen-num (genio lavrador), successor daquelle, rendem o mesmo culto que a Ceres tributavam gregos e romanos: tem comtudo a boa fé de confessarem sua ignorancia sobre o tempo em que existiram estes dois imperadores; mas ao immediato, Hoam-ti, já fixam a data de 2:637 annos A. C.

Censuram aos chins a mania archeologica, de fazerem remontar sua directa origem aos primeiros homens que povoaram a terra; mas isto é tambem commum a outros povos. Mesmo nós portuguezes nos fazemos descender em linha recta d'um filho ou neto de Noé.

Os historiadores do reino do meio que passam por mais veridicos e cuja opinião segue a maior parte dos missionarios europeus e orientalistas modernos, não reconhecem a historia do seu paiz como digna de fé, senão de 2357 A. C. em diante; isto é, no começo do reinado do imperador Iau, inventor do cyclo de sessenta annos, e do jugo dos cantinhos com 350 pedras, ainda hoje usado na China. No reinado deste, e nos successivos de Xun, (2255 A. C.) o cantor do vento sul; e de Iu, (2205 A. C.), o intendente do diluvio, e viajante de 6:500 leguas; os tres imperadores sanctos, é que os chins collocam a sua idade de ouro, tão poetica como a dos gregos e romanos, e da qual são emblemas Fom-hoam (a phenix do reino das flores) e o mysterioso veado Ky-lin, que só tornou a ser visto no tempo de Confucio. É a ficção risonha do reinado d'Astrea, que não mais se renovou no celeste imperio, como aconteceu entre os povos do occidente que a inventaram.

Iau, Xun e Iu foram as delicias e fizeram a felicidade do imperio, onde ainda hoje gosam de grande fama e respeito. O primeiro destes imperadores é tido em tal veneração, que os chins, para significarem seu merecimento, usam commummente da seguinte sentença de um dos seus livros classicos «Só o céu é grande, só Iau o soube imitar» (Uei-tien, uei-ta, uei Iau teei-che). Na verdade, se Tito julgava perdido o dia em que não fazia algum bem, merecendo por isso ser chamado as delicias do genero humano: com mais rasão merecia este titulo o imperador Iau, que apesar de occupado sempre em promover o bem estar dos seus vassallos, repetia constantemente «e o meu povo tem frio, sou eu o culpado; se tem fome, deve acusar-me disso; e se lhe succede alguma desgraça, devo considerar-me auctor d'ella.»

Este bom principe e seus dois successores, visitavam annualmente seus Estados; não por ostentação, nem suscitando sacrificios aos povos, como fizeram os imperadores das dynastias seguintes, mas como paes que iam ao encontro de seus filhos, concedendo a todos livre accesso, ouvindo as suas queixas e conhecendo das suas necessidades.

Quando regressavam á corte, não se encerravam nos palacios, como os sémi-deuses das outras dynastias, cercados de eunuchos e de mulheres; mas continuavam a viver para seus subditos. As portas do paço haviam taboas rasas para escrever, ou taboetas, onde quem queria escrever avisos ou queixas dirigidas ao imperador. Ao lado dellas estava um sino, ao toque do qual o imperador as mandava logo levar á sua presença.

Havia tambem ali cinco instrumentos diversos, designando cada um certa especie de negocios, e que os pretendentes tocavam para serem admittidos á audiencia do imperante.

Destas utilissimas praticas apenas resta hoje uma especie de zabumba ou tambor collocado nos tribunaes dos mandarins, onde antigamente, á similhança dos que havia nos paços imperiaes, se tocava para obter immediata audiencia das auctoridades, a qualquer hora que fosse do dia ou da noite.

Actualmente os desgraçados que tem dependencias nos tribunaes, guardam se bem de fazer soar o tambor, e de perturbar o *pac e mãe do povo* (expressão com que designam os funcionarios publicos), no meio das suas inefaveis delicias de fumar opio ou de tomar cha. Infeliz do incauto que assim praticasse; pois antes de ser admittido á presença do seu *pac e mãe*, tinha de levar, como salutar introito, algumas duzias de bastonadas, ou pagar alguma multa.

Hoje em lugar de tocarem tambor, os pretendentes untam as mãos dos esbirros, ou meirinhos como lhe chamam em Macau, os quaes em grande quantidade atulham os tribunaes e acompanham os mandarins. Sem isto a justiça chinez não funciona, ainda que seja no mais insignificante negocio. Surda aos rufos do tambor, tornou-se em compensação, summamente sensivel ao oleo argentino que lhe destilam sobre as emperradas molas do seu mecanismo.

A actual circumscripção do imperio chinez abrange um vasto tracto de territorio na parte media e oriental da Asia. Não fallando nos muitos reinos que lhe são tributarios, a China propriamente dita, tem por limites, pelo sul e leste o mar Pacifico; pelo norte a cordilheira dos montes Yn e o grande deserto de Gobi, chamado em chinez *cha-mo*, mar d'areia; pelo occidente as altas montanhas do Thibet, e pelo sudoeste os ramos menos elevados d'aquellas, que se prolongam pelos confins do imperio birman e do Tonkim.

No reinado de Kienlong, segundo imperador da dynastia manteu, tres provincias foram aggregadas ao imperio, separadas dos paizes antigamente chamados Leotong e Mantehuria. O contorno que apresenta a China, nos seus actuaes limites, aproxima-se á forma circular, ou mais rigorosamente á de um parallelogramo equilatero rhombo, ou de que se tivessem quebrado os angulos, e cujo lado sul assenta sobre o tropico de Cancer, ou cerca de grau e meio além, prolongando se até 41 graus de latitude norte.

No reinado de Kienlong, segundo imperador da dynastia manteu, tres provincias foram aggregadas ao imperio, separadas dos paizes antigamente chamados Leotong e Mantehuria. O contorno que apresenta a China, nos seus actuaes limites, aproxima-se á forma circular, ou mais rigorosamente á de um parallelogramo equilatero rhombo, ou de que se tivessem quebrado os angulos, e cujo lado sul assenta sobre o tropico de Cancer, ou cerca de grau e meio além, prolongando se até 41 graus de latitude norte. Daquelle parallelogramo partem como dois prolongamentos, chegando um a 44 e o outro a 56 graus da mesma latitude norte. Prescindindo destes dois appendices, fica o reino do meio comprehendido entre 20 e 41 graus de latitude septentrional e entre 95 e 140 de longitude: o que produz 420 legoas, maritimas ou de 20 ao grau, do norte a sul, e 480 de leste a oeste, ou pouco mais de 200:000 legoas quadradas; o que excede a seis vezes a total superficie da França.

O imperio celeste abrange porção consideravel d'essa immensa vertente ou declive, que do oriente das montanhas do Thibet se estende, na direcção sul e leste, até ás plagas do grande oceano oriental. Suas montanhas do occidente, formam parte da grande macisso da Asia central, e se prolongam para o mar do Oriente por duas principaes cadeias; Nan ling, ou montes do sul, que correm entre os parallelos 24 e 27; e Thsin-ling, ou montes azues, que avançam entre os parallelos 31 e 34. Outras aglomerações de serranias e montes apresenta o solo chinez, com a orientação geral do sudoeste a nordeste, que é tambem a da linha de volcões que se prolonga atravez da ilha Formosa, do archipelago de Liéu-khiéu e Japão, até ás ilhas Aleutianas.

Na China não se conhecem actualmente volcões em actividade; porém é certo que n'ella abundam muito os terrenos volcanicos. Na provincia de Chan-si ha muitas solfatáras, como na ilha de S. Miguel no valle das Furnas, e os seus habitantes, como n'aquella ilha, as aproveitam para coser alimentos e para outros usos economicos.

Parallelas ás grandes cadeias das montanhas chinezas correm innumeradas veias d'agua, que pela maior parte se vão perder em algum dos dois famosos rios, o Hoang-ho, ou rio Amarelo, e Yang-tse-kiang; rio por excellencia dos chins, e rio Azul dos europeus. Ambos nascem nos serros do Thibet oriental, a pouca distancia um do outro, entre os 34 e 35 graus de latitude norte. Durante algum tempo correm parallelos a um e outro lado da grande cordilheira Bayen-Kharat. Separam-se, cortando em mil voltas caprichosas os vastos paizes da Tartaria e do Thibet. Penetram no imperio, que atravessam do occidente ao oriente, e depois de haverem percorrido, o Hoang-ho 2:000 milhas e o Yang-tse-kiang 3:000, afastando-se por centenares de legoas e cingindo immenso territorio, aproximam-se para morrerem juntos no mar da China. São como dois gigantes, que tendo tido o mesmo berço, só tornam a encontrar-se, depois de larga separação, para no fim da vida se dizerem o derradeiro e fraternal adeus, antes de irem sepultar-se nos abyssos do oceano.

As aguas do Hoang-ho são limpidas e puras na sua origem. Só depois de correrem por alguns aereos da Tartaria, é que se fazem barrentas e amarellas. O leite deste rio tem experimentado muitas variações. Em tempos remotos a sua foz era no golfo de Pé-tchi-li, pelos 39 graus

de latitude: hoje está nos 34 graus, a 100 legoas de distancia da antiga. Corre quasi sempre ao nivel do solo, e nas provincias do Hon-nan e Kiang-su lhe vae superior. Apesar das prodigiosas obras executadas para prevenir as inundações, estas causam com frequencia espantosos estragos, e arrebataem milhões de vidas.

O rio Azul é, como o rio Amarelo, um dos mais bellos do mundo. No seu nascimento chama-se Marui-ussu (agua tortuosa); depois Kin-cha-kiang (rio de areas d'ouro), e ao entrar na China torna-se o famoso Yang-tse-kiang (filho do mar, ou rio por excellencia.) Atravessa de leste a oeste as melhores provincias do imperio, deixando por toda a parte fertilidade e riqueza. Seguramente nenhum ha que se lhe possa comparar, pela innumeravel multidão de homens que sustenta, e pela prodigiosa quantidade de embarcações que vogam em suas aguas. Seu curso no reino das flores é de 530 legoas maritimas. Em Tchong-king, na provincia do Hu-pé, a trezetas legoas da foz, já tem meia legua de largura de margem a margem, e não tem menos de sete quando desemboca no mar.

Alguns confluentes dos rios Azul e Amarelo, ainda os excedem, até ao ponto da junção, em extensão de curso e de volume d'agua.

O reino do meio conta cinco lagos principaes, que são como outros tantos mares interiores, além de infinidade de outros, que com as ribeiras, canaes e rios formam litteralmente uma rede de communicações fluviaes, que facilitam o pasmoso movimento do commercio interno da China.

O clima do reino das flores participa de todas as variedades das zonas torrida, temperada e glacial. Na Mantehuria ha invernos similhantes aos da Siberia, e em Cantão e Macau o calor ignala ao do Indostão. Em Pekim, situada em 40 graus de latitude, durante os tres mezes d'inverno o thermometro desce a 30 graus abaixo de zero, e no verão sobe a 30 graus de calor.

Em Cantão, nos 23 graus de latitude, a temperatura media é de 22 graus.

O imperio celeste é, em geral, mui salubre. Ha muitos exemplos de longevidade até mesmo nas provincias do meio dia, onde a maxima parte das terras cultivadas são arrosaes.

A área da China póde dividir-se em tres zonas parallelas ao equador. A do norte, comprehendida entre o parallelo 35 e o valle inferior do rio Amarelo, é assás fria, e não cria cha nem arroz, nem amoreiras communs. Tem muitas minas de ferro, e grandes jazigos de carvão de pedra. Este precioso combustivel acha-se em quasi todo o imperio, e principalmente na provincia de Kan-su: por toda a parte o exploram, e o applicam a usos domesticos e industriaes.

A zona central, entre os 26 ou 27 parallelos e os montes Nan-sing, produz excellente arroz e trigo, as melhores especies de cha, amoreiras, algodão, laranjas, canna d'assucar (que foi trazida da India no seculo VIII), e o bambú, que em grande variedade d'especies se reproduz até aos 38 graus de latitude norte, e do qual os chins tiram immenso partido, applicando o a infinidade de usos. A parte oriental d'esta fertil zona é celebrada pelas suas fabricas de tecidos de seda, e de algodão, conhecidos na Europa pelo nome de nankins, e entre nós pelo de gangas; a parte media é chamada o celeiro do imperio, e poderia sustentar todos os seus habitantes com o arroz que produz; a parte occidental é rica em madeiras de construcção.

A zona meridional, banhada pelo mar, tem as mesmas produções vegetaes que a zona central, porem em geral de peor qualidade.

O reino das flores, tão fecundo em productos naturaes de todo o genero, possui outra riqueza incomparavel e sem a qual aquelles não teriam valor. É a industria dos seus habitantes; na verdade maravilhosa em tudo que diz respeito ás artes uteis e ás commodidades da vida, e que tanto precedeu a industria europea na maior parte das descobertas e invenções.

A nação central é sem duvida a mais numerosa do mundo. Entretanto variam muito os calculos da sua população, como se vê da seguinte tabella:

Em 1743, segundo a opinião de Amiot	150.265:475
Em 1761, segundo a opinião de Hallerstain	198.214:552
Em 1794, segundo a opinião de Macartney	333.000:000
Em 1830, segundo o <i>Anglo-chinese-cataloger</i> , publicado em Hong-Kong	337.000:000
Segundo o ultimo recenseamento feito pelo governo chinez	361.000:000
Segundo os calculos do <i>Chinese-repository</i> , publicado em Cantão	375.000:000

Ha, pois, entre o computo minimo e o maximo, a differença de 225 milhões d'almas. Os que conhecem a China não tem por exagerada a população de 361 milhões que apresenta o recenseamento imperial. Não porque os trabalhos de estatistica no celestial imperio mereçam muita fé, porque são ainda muito mais defeituosos do que na Europa; sendo commettidos os elementos d'elles, ao menos no que toca ao arrolamento das pessoas, ás mais infimas auctoridades subalternas, especie de regedores de

parochia, que não tem retribuição alguma, e que se não dão ao trabalho de reunirem dados exactos. Mas, como o governo não tem interesse algum em augmentar a cifra da população; tendo-o, talvez, pelo contrario em diminuir-a, para que não seja tão grande o numero dos que reclamem socorros nas grandes fomes e calamidades publicas, é muito de suppor que não tenha viciado estes calculos, exagerando-os.

Por outra parte todos os que tem penetrado no interior do paiz são concordes em affirmar a espantosa densidade da população, principalmente em certas provincias, e sobre as margens dos rios, dos canaes e dos lagos. Provincias ha, em que os naturaes não cabendo na terra formam casas e terrenos fluctuantes, que cultivam e onde vivem; como na do Hu-pé, da qual uma parte dos habitantes nasce e vive embalada sobre as aguas do lago Ping-hu. O mesmo se observa em todos os grandes lagos da China.

Navegando pelos canaes ou seguindo o curso dos grandes rios, encontram-se cidades de dous e tres milhões de habitantes; succedem-se grandes villas e aldeas sem interrupção; o povo como que brota da terra e não se comprehende como haja subsistencias que cheguem para essas multidões innumeraveis, cujas habitações, diz um acreditado viajante e escriptor, parecem cobrir todo o solo.

Varias causas contribuem para o prodigioso desenvolvimento da população no imperio chinês: taes como os costumes publicos, que obrigam a casar todo homem, e que fazem do casamento dos filhos o negocio da vida mais importante para os paes e mães de familia; serem casados os soldados e os marinheiros das armadas imperiaes; a vergonha que se inflige a quem morre sem posteridade; as frequentes adopções, que consolam as familias faltas de descendencia, e que lhes perpetuam os ramos; o regresso dos bens do casal ao tronco masculino, pela disposição da lei que exclue as femeas de partilharem da herança; os impostos inalteraveis, e que só recaem sobre a propriedade rustica, pesando apenas indirectamente sobre os commerciantes, industriaes e artistas, os direitos que se cobram nas alfandegas; a opinião de que a nobreza só é inherente aos empregos do Estado que se exercem, e não aos individuos, de modo que nunca se pode transmittir, e distinguindo assim os homens sem nobilitar as familias, evita os preconceitos das allianças desiguales; os costumes simples e frugaes de todos as classes da sociedade; finalmente, a profunda paz de que o imperio gosou por mais de dous seculos, tem talvez mais do que tudo contribuído para o rapido augmento da sua população.

Hoje o numero dos habitantes do reino do meio deve ter consideravelmente diminuído. Seis annos de guerra civil atroz e devastadora, como sempre costuma ser na China, devem ter feito succumbir milhões e milhões de chins, no meio dessas horrosas scenas de carnificina e de destruição, de que os annos do celeste imperio apresentam frequentes exemplos.

Talvez, porém, que a Providencia, nos seus inescrutaveis designios permita, no proprio interesse da conservação do reino das flores, estes grandes exterminios, com que de tempos em tempos suspende a seiva e o desenvolvimento das raças nimamente fecundas.

Continua.

C. J. CALDEIRA.

SUSPIROS.

À minha terra formosa
Que eu amo do coração,
Quero enviar uns suspiros
Nas azas da viração.

Corre brisa, pressurosa
Sobre esses plainos de anil,
Vae brincar pelas campinas,
Pelos vergeis do Brazil.

Lá verás um céu mui lindo
Como tão lindo não ha;
Lá ouvirás os gorgeios
Os cantos do sabiá.

Lá verás bellas palmeiras,
Lindas flores com perfumes,
O regato que murmura,
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bella
Sentada no seu jardim,
Na mão encostada a face,
Saúdosa, pensando em mim.

Ó brisa linda e travessa,
No teu mais doce bafejo
Em seus labios cor de roza
Bem de manso, da-lhe um beijo.

Se uma lagrima furtiva
Nos olhos lhe balouçar...
Traz-me esse pranto d'amor,
Que quem chora, sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel
Só por ella suspirava,
E que nas brisas da tarde
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho estremoso
O mesmo affecto inda tem,
E que constricto e fervente
Orava por sua mãe.

Diz-lhe que o pobre proscripto,
Da noute na magestade,
Chorava por sua terra
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta
Cantava cantos de dor,
Que sua lyra gemendo
Dizia: — Brazil e amor! —

Abril, 1856.

CASIMIRO ABREU.

RUA EM HAKODADE: PRESTITO FUNEBRE.

Em 9 de outubro de 1855 foi ratificada a convenção entre a rainha de Inglaterra e o imperador do Japão, a fim de serem admittidos navios britannicos em dois dos portos daquelle imperio; e posto que o tratado não permitia estacionar e fazer negocio, nem conceda privilegio algum commercial, e meramente faculte o accesso a portos de refugio para fazer reparos de avarias ou metter aguada, refrescos, e outros objectos que possam ser necessarios á saúde das tripulações e segurança dos navios, é contudo um successo memoravel e pode ser precursor de muito maiores vantagens.

Desde que nós os portuguezes fomos expulsos e os nossos missionarios martyrisados, os holandezes ali fizeram algum commercio interpolado, e tambem simultaneamente os inglezes, nações ambas que ainda antes da nossa expulsão mercadejavam n'aquellas remotas paragens. Finalmente no ultimo periodo do seculo 17.^o fecharam-se os portos do imperio totalmente ao trafico europeu, até que pela convenção de outubro ultimo os navios são recebidos para os effeitos que foram indicados.

O Japão pode considerar-se geographicamente dividido em duas partes distinctas; as grandes ilhas de Nippon, Nicoco ou Sikoff, e Ximo, ou Kinsin, que constituem o imperio propriamente dito; — e a ilha de Yedo com as Kuriles meridionaes que os russos não occupam: Mastmai, a principal, é a vigesima segunda das Kuriles, nomeando-se de uma até vinte e uma as que pertencem á Russia.

Meaco na ilha Nippon é a capital, outros geographos a collocam em Yedo. Os habitantes são industriaes, e formam uma raça distincta dos chins; amam o fausto e as artes, e celebram as nupcias, enterros, e outros actos civis ou religiosos com grande pompa.

VIAGEM D'ELREI O SENHOR D. PEDRO V

às PRINCIPAES CORTES DA EUROPA NO ANNO DE 1854.

No domingo desoito, elrei e seu irmão foram ouvir missa á capella da embaixada franceza, em Portman-square.

O lord maior da cidade de Londres havia significado o desejo de convidar o senhor D. Pedro v e o senhor infante para darem sua visita solemne á cidade e seus monumentos, e para depois desta cerimonia publica lhes offerecer um banquete. Elrei, tendo previamente consultado a vontade de sua magestade britanica, aceitou o convite, e dirigindo-se no dia desonove a Mansion House, teve ali logar a recepção official com grande pompa, pelo numerozo conselho municipal, e magistrados de Londres.

Sendo o lord maior admittido á presença de sua magestade, lhe appresentou as felicitações e cumprimentos do estillo, na seguinte mensagem:

« Senhor! Nós o lord maior, vereadores, e commons da cidade de Londres, juntos em conselho, aproximamos de vossa magestade para saudar a vossa magestade e seu augusto irmão o duque do Porto, pela sua chegada a esta antiga e leal cidade, e para offerecer lhes as nossas congratulações, por esta auspiciosa visita de vossa magestade e do duque do Porto á nossa querida e graciosa soberana, a rainha Victoria. Penetrado do sentimento de profundo interesse dirigido em todas as circunstancias á paz e felicidade do genero humano, nós victoriamos com sincera satisfação a presença de vossa magestade e de seu augusto irmão neste paiz, especialmente na crise actual dos negocios politicos da Europa, como certa indicação dos sentimentos de vossa magestade, de amizade e benevolencia para com a nossa adorada soberana, e pavo destes reinos, e como segura garantia de que vossa magestade, participa do nosso ardente desejo da restauração e estabelecimento da paz universal.»

« Respeitosamente anhelamos exprimir a mais ardente esperanza de que a visita de vossa magestade tende a perpetuar a amigavel alliança que por tantos annos tem existido entre as nações portugueza e britanica; e que vossa magestade possa por muitos annos promover os melhores

interesses do povo que o favor da Divina Providencia confiou ao seu reinado.»

Elrei com toda a firmeza e dignidade respondeu do modo seguinte:

Milord maior

« Agradeço-vos, e aos vereadores, e commons da cidade de Londres, em meu nome, e no de meu irmão, o duque do Porto, as benignas expressões, com que vós nos saudaes por occasião desta nossa primeira visita á cidade. O prematuro fallecimento de minha querida e para sempre chorada mãe, a rainha D. Maria II, me obrigou a subir a um throno, glorioso sim, mas que eu desejára occupar muito mais tarde.

« Empreheidi esta viagem, não para meu passatempo mas sim para minha instrucção, e com o proposito de melhor me habilitar a dirigir depois os destinos do povo que eu devo reger. Obrando d'esta sorte obedeço á vontade da fallecida rainha. Penosas, como são, as circunstancias, que me obrigaram a sair do meu paiz, mais cedo do que aliás teria acontecido, é uma satisfação para mim, que a primeira terra a que apertei, seja a do nosso mais antigo e fiel alliado, e a primeira córte que visito, a da vossa graciosa Soberana, á qual, bem como a seu real consorte, já me unem laços de parentesco, e agora me prendem os mais profundos sentimentos de amizade e gratidão pela cordeal e affectuosa recepção com que me acolheram. Não posso deixar de reconhecer com a maior satisfação que a cidade de Londres, cujos dignos representantes vós sois, foi já unida por intimas relações com a cidade em que eu nasci; não só no tempo em que o commercio europeu era dirigido por corporações municipaes, por pequenas republicas que no meio das monarchias procediam com quasi soberana independencia; mas tambem nos tempos modernos. Estas relações, eu confiadamente o espero, hão de manter-se para sempre. A amizade entre a Inglaterra e Portugal existe ha seculos e sempre crescente. Inglaterra combateo a favor de Portugal sempre que a independencia deste foi ameaçada. As nossas instituições liberaes poderosamente contribuem para identificar os sentimentos e os interesses d'ambos os paizes.

« Durante o meu reinado não desistirei do firme proposito, com o favor da Divina Providencia, de manter as instituições do meu paiz, e de tornar cada vez mais estreitos os laços que tem unido, e continuarão a unir as duas nações.» (1)

Acabado este acto solemne do cerimonial, que causou em todos a maior e mais profunda sensação, querendo elrei fazer honra ao lord maior aceitou a sua carruagem para nella visitar os principaes estabelecimentos da cidade. Entrou pois sua magestade com o senhor D. Luiz na referida carruagem, onde o lord maior, e o embaixador, conde de Lavradio, tambem entraram.

A comitiva d'elrei e os empregados da legação seguiram nas carruagens reaes, e nas da Embaixada.

Era tanto o povo que ambicionava ver o joven rei de Portugal, que as ruas da cidade estavam apinhadas, por tal modo que as carruagens se moviam com muita difficuldade.

Elrei e o senhor infante recebiam com tanta affabilidade as saudações da mais opulenta e populosa cidade da Europa, que desportou o entusiasmo de todos por uma maneira extraordinaria, e summamente agradavel.

Elrei visitou todos os estabelecimentos publicos da cidade, sendo recebido pelos seus primeiros funcionarios, como foi no — Museo Britanico — no — Banco de Londres — Casa do Estado da India — e na Casa do Cambio (*Stock Exchange*), onde sua magestade teve uma completa ovacão.

Finda esta digressão voltaram sua magestade, e sua altesa a Mansion House, em que já se achavam os principaes magistrados da cidade, quasi todo o corpo diplomatico, o visconde de Palmerston, primeiro secretario d'estado do interior, e outras muitas notabilidades politicas e scientificas com quem elrei se entreteve até á hora do almoço, que foi assas esplendido.

Ali houveram varias saudes: sendo as primeiras por lord maior, á rainha da Grã Bretanha e a elrei de Portugal; pelo conde de Lavradio, em nome de sua magestade fidelissima a lord maior, e á sua esposa; por lord Palmerston, que aproveitando o ensejo fez em discurso eloquente um elogio a elrei, desenvolvendo a conveniencia da intima alliança de Portugal com a Inglaterra.

No dia vinte deste mesmo mez elrei e o senhor D. Luiz foram, com o principe Alberto, visitar pelas dez horas da manhã o palacio de cristal, e nesse mesmo dia assistiram á sessão da camara dos commons, assim como no dia antecedente tinham estado na camara dos lords, perto das sete horas da noite, quando regressavam da visita solemne. Á noite houve na córte e palacio de Buckingham, um grande baile de cerimonia, onde a par das maiores decorações, e magnifica illuminação, tudo foi sumptuoso, durando até ás duas horas da madrugada.

Pelas onse horas da manhã do dia vinte e um, elrei e seu irmão saíram do palacio para Woolwick Dochyarde a fim de examinarem o arsenal real, e passarem depois a Twickenham, para jantarem com sua altesa o duque d'Au-

(1) Diz o conde de Lavradio, embaixador em Londres, em seu officio n.º 8 de 26 de junho — que offerecendo-se a sua magestade para lhe apresentar um projecto de resposta, — elrei agradeceu o seu offerecimento, e lhe disse que preferia compôr e escrever elle mesmo a sua resposta para a poder dar com mais segurança, pelo que podia assegurar ser ella inteiramente obra d'elrei.

male (4.º filho do rei de França Luis Filipe) e sua esposa, filha da princesa de Salerno, sua tia, a quem também visitaram (2).

À noite a rainha Victoria acompanhou seus reaes hospedes ao theatro de S. James.

Em vinte e dois foi sua magestade visitar os grandes arsenaes de Portsmouth, e successivamente se occupou de observar outros estabelecimentos de Londres e suas visinhanças. Acompanhado de sua comitiva entrou no dia vinte e quatro nas officinas e casa da typographia do Times, no hospital de São Bartholomeu, no hospital Christão, na estação central da companhia do Telegrapho electrico, na ponte de Londres, embarcando em um vapor no rio até á ponte de Hungerford, indo depois aos banhos de S. Martinho.

No dia vinte e seis ás nove horas da manhã partiram elrei e o senhor infante para Birmingham chegando ao meio dia á estação de New-Street do caminho de ferro denominado «London and North Western Railway.» Grande concurrencia de cavalheiros distinctos se reuniu para receber o real prestito, entre ellos o Maior de Birmingham, o tenente general Reid, e a direcção do caminho de ferro. Depois de curta demora no hotel Queen o senhor D. Pedro e o senhor infante, visitaram as principaes manufacturarias de Birmingham, a grande e maior cidade industrial d'Inglaterra. E tendo recebido um lauto banquete, passaram a examinar miudamente o interior da nova estação do caminho de ferro, no que se mostraram extremamente satisfeitos.

Às dez horas e meia da noite chegou sua magestade Fidelissima e sua comitiva a Manchester, onde foi esperado pelo maior e varios portuguezes, pernitando no Queen-hotel, no dia

(2) A princesa de Salerno Maria Clementina, arquiduquesa d'Austria é tia de sua magestade o senhor D. Pedro 3.º, por ser irmã de sua augusta avó a 1.ª imperatriz do Brazil e Rainha de Portugal D. Maria Leopoldina.



O 2.º duque de Lafões.

vinte e sete visitaram diversas fabricas, recolhendo-se á uma hora da tarde para tomar um launch, e continuando depois até ás seis, a visitar as fabricas, muzeus, e varios estabelecimentos de industria.

Pelas sete horas e um quarto da noite saíram de Man-

chester com destino a Liverpool, onde entraram pelas nove e meia, sendo esperados, e acompanhados ao Adolphi-hotel pelo maior e varios negociantes inglezes. Às nove e meia do dia vinte e oito foram elrei e o senhor infante visitar os principaes edificios publicos, museus, o monumento de Nelson, docas, e observatorios, e dando um passeio, em um vapor, no rio Merzey, desembarcaram em Birkend e partiram para Chester pelas tres horas e meia da tarde, seguindo depois a Bangor, d'onde voltaram a Londres pelas onze horas e meia da noite.

No dia dois de julho teve lugar no palacio real a cerimonia do jantar de despedida, que sua magestade britanica deu aos seus augustos hospedes, em cuja occasião exprimindo os sentimentos que lhe causava a sua proxima partida, significou o maior elogio pelas suas qualidades, e por um modo tão sensivel e affectuoso que não se podia presenciar sem lagrimas uma scena que mais parecia uma reunião de intima familia, do que um acto de etiqueta e cerimonia.

Às tres horas da tarde do dia tres, foi elrei e o senhor infante á casa da legação portugueza, onde se demoraram uma hora recebendo alguns dos portuguezes residentes em Londres, que tiveram a honra de lhes appresentarem as suas ultimas despedidas.

D'aqui partiram logo para o arsenal de Woolwich, acompanhados pelo seu sequito, por lord Tabley, coronel Wild (1), pelo conde de Lavradio, e mais empregados da embaixada—por varios portuguezes, e pelo ministro do Brazil, o visconde de Santo Amaro. Ali embarcou elrei, e o senhor infante com destino até Ostende, depois de lhe terem sido feitas todas as honras milita-

(1) Estes officiaes da casa real britanica constantemente acompanharam a elrei, durante a sua residencia na Inglaterra. Foram elles os que em 1833 vieram a Lisboa appresentar os pesames da sua soberana á familia real pela morte da rainha a senhora Dona Maria II.



Rua em Hak'cadé: prestito funebre

res que lhe eram devidas. O embaixador de Portugal, conde de Lavradio, e os seus empregados acompanharam os augustos viajantes até Gravesend, ficando o vapor *Mindello* ainda fundeado em Sheerness até ás tres horas da manhã do dia quatro, em que levantou ferro, e seguiu para Ostende, a fim de visitar a Belgica.

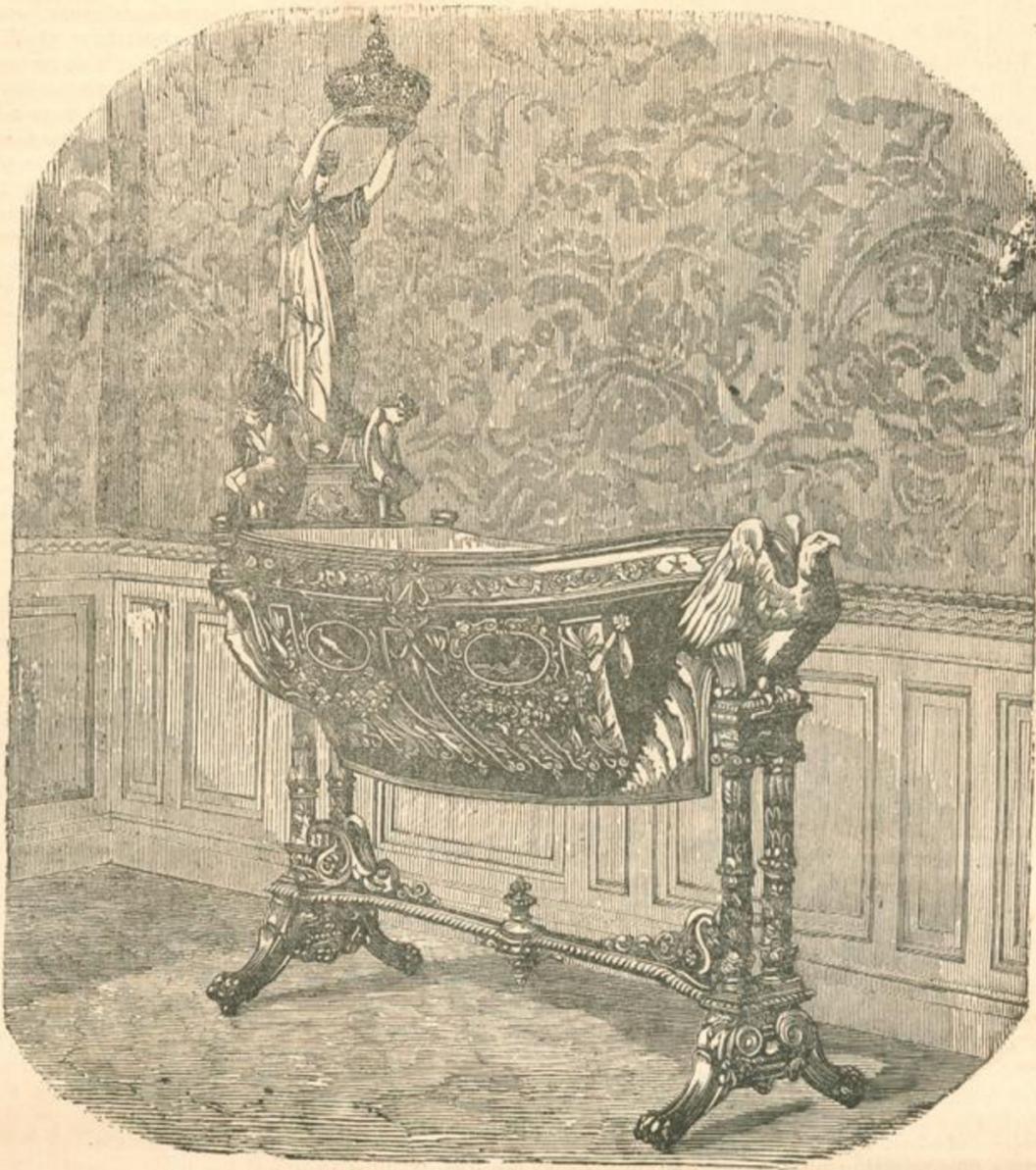
Eram duas horas da tarde quando o vapor estava á vista do porto de Ostende, mas, por falta de maré, teve de se demorar na enseada, e só entrou no molhe pelas seis horas.

O ministro plenipotenciario de Portugal residente em Bruxellas visconde do Seissal, acompanhado do encarregado dos negocios do Brazil, do par do reino conde de Renduffe, do addido á legação Jacome de Bruges Ornellas, e do consul geral de Portugal, foram logo a bordo beijar a mão a sua magestade e alteza, que os receberam com a maior affabilidade.

Nesta occasião foram apresentados a elrei o tenente general Dupont, ajudante de ordens, o coronel conde de Vanderburgh, e o capitão Prisse, ajudantes de campo de sua magestade elrei da Belgica, que vinham para saudarem ao senhor D. Pedro v, e ficarem de serviço junto á sua real Pessoa, durante a sua residencia n'este paiz.

Elrei e o senhor infante depois de receberem os cumprimentos do barão de Vriere, governador da provincia de Flandres, e mais autoridades superiores, desembarcaram pelas sete horas da tarde, entrando nas carruagens reaes, que os conduziram ao trem especial do caminho de ferro, que estava preparado para os levar a Bruxellas.

Em Bruges, Gand e Malines, foi muito cortejada e victoriada a passagem do comboy real, que



O berço imperial.

chegou á cõrte pelas dez horas e meia da noite.

A recepção d'elrei Fidelissimo foi verdadeiramente real. Desde as seis horas que uma multidão immensa de povo se achava reunida nas visinhanças da estação do caminho de ferro do norte, no espaçoso boulevard do jardim botânico, e na rua real. Dois esquadrões do regimento de guias dois batalhões de carabineiros, e uma grande esquadra de gendarmaria esperavam a sua magestade para lhe fazerem as honras ao descer do comboy.

Suas altesas o duque de Brabant, principe real da Belgica, e o conde de Flandres (7) comos ministros d'estado, e osaltos funcionarios achavam-se no desembarcadouro do caminho de ferro á espera de seus augustos primos que acolheram cordeal e effetosamente e conduziram depois ao paço de Bruxellas que sua magestade Belga havia destinado para seu aposento.

Ao chegar elrei de Portugal ao palacio, sua magestade o rei Leopoldo 1.º desceu ao vestibulo, e abraçando seus augustos sobrinhos os apresentou á duqueza de Brabant, e á princesa Carlota, suas filhas.

Feitos estes cumprimentos elrei da Belgica se retirou para o castello e palacio de Lackén, onde reside, e sua magestade fidelissima, e sua comitiva ficou no palacio.

A manhã do dia immediato foi de descanso para os augustos viajantes, accetando unicamente a visita do rei Leopoldo, e do conde de Flandres, e indo á tarde a Lackén ao grande jantar de cerimonia. Elrei fidelissimo entrando no salão do banquete real levava pelo braço a duquesa de Brabant (8), e o senhor infante a princesa Carlota.

Continúa. F. J. DA COSTA.



O vapor Cisne passando a ponte de Galata.

TYPOS E SCENAS MILITARES

OS ZUAVOS.

IV

(Continuado do N.º 16).

Ha na Africa, hoje franceza, uma tribu, ou antes uma confederação de tribus kabyllas, que habita os mais remotos desfiladeiros do Jurjura. Esta raça é conhecida em todo o paiz pela designação arabe de *zuava*. Os homens da confederação da *zuava* passam por audazes, intrepidos e laboriosos. A sua submissão aos turcos foi sempre mais nominal e apparente do que effectiva. (1) Eram todavia extremamente conhecidos em Argel, aonde os chamava a cada passo a necessidade de permutar o seu azeite, e os productos da sua grosseira industria, pelos generos que faltavam nas suas agrestes montanhas. Como os suissos, os mais pobres e desherdados d'estes homens vendiam o seu sangue e assoldavam-se ao serviço militar da Regencia, ou dos outros beys do territorio barbaresco. Na epocha da conquista tinham elles a reputação de serem a flor da infantaria argelina.

V

Em agosto de 1830, o governo da metropole, saindo attonito de uma revolução, preoccupado com as difficuldades intestinas, sem renegar o glorioso legado da restauração, descurava-o todavia de um modo que podia comprometter a segurança da nova colonia militar, estremeçada na estreita zona, recentemente avassalada e comprimida de inimigos fanaticos e ardentes.

Por essa occasião, o marechal de Bourmont foi substituido pelo general Clausel, homem serio e de solida e merecida reputação. Como em França, porem, os espiritos vacillassem acerca da importancia e resultados da possessão africana, o exercito de occupação foi consideravelmente reduzido.

N'estes termos, o novo general achou-se á testa de forças limitadas, rodeado de sollicitações e enredos inseparaveis de um novo estabelecimento, n'um paiz desconhecido, sem indicações positivas nem instrucções determinadas.

A queda do bey deixára n'uma profunda anarchia as populações sertanejas, bellicosas e incivilizadas. As tribus, costumadas a obedecer cegamente á Regencia, tumultuavam em selvagem independencia. Havia se committido a imprudencia de expulsar simultaneamente todos os turcos, cercados do respeito e prestigio de seculos, e unicos habituados a dominar e a fazer-se obedecer dos arabes. Era tanto maior esta imprudencia quanto muitos d'elles accetteriam facilmente a lei do vencedor, e podiam ser-lhe da maior utilidade.

Pelos fins de 1830 todos estes inconvenientes reunidos e mutuamente aggravados, tornaram por extremo ardua a missão do general. Era necessario prever tudo, organizar tudo, remediar tudo.

VI

O general Clausel comprehendia bem que a verdadeira guerra não tinha começado ainda, e preparava-se a tempo para sustental-a. As populações dispersas não haviam ainda concordado em iniciar a aggressão; mas o espirito hostil derivava fatalmente do antagonismo religioso; e não podia deixar de produzir os seus resultados.

Na previsão de futuras complicações, na idéa de crear entre os arabes, immediatamente collocados sob a acção franceza, um elemento que podesse ir depois actuar sobre os seus compatriotas, e ao mesmo tempo instado pela necessidade de augmentar as suas forças com os recursos que lhe era possivel tirar do paiz, determinou-se a organizar corpos de infantaria e cavallaria indigenas.

Uma ordem de exercito do 1.º de outubro de 1830, creou os dois primeiros batalhões africanos.

Estes batalhões foram denominados de Zuavos, da designação arabe *zuava*, e das tribus que meliores soldados haviam dado á Regencia.

Tal é a origem d'este nome, hoje popular no mundo militar.

Sentimos não ter artes para fazer adoptar a raiz portugueza que mencionámos: como a Providencia porém nos negou a faculdade milagreira, contentamo-nos de dar por averiguada e digna de credito esta origem mais sensata do que maravilhosa.

VII

No principio, o recrutamento dos zuavos fez-se effectivamente entre os indigenas; mas sem exclusão de raças, nem distincção de classe. Foram indifferentemente arrolados operarios e cultivadores, homens do campo e da cidade, homens da serra e das lezírias, kabyllas, arabes e culuglis. Os officiaes porém, eram todos francezes, assim os superiores, como os subalternos, e inferiores, todos militares energicos, expressamente apurados entre aquelles intrepidos voluntarios, de que o exercito francez offe-

rece tão notaveis modellos, e de que tambem entre nós tem havido, com todas as apreciaveis qualidades peculiares do nosso soldado, gloriosos exemplos.

Os naturaes do paiz repugnavam a tomar as armas sob as ordens dos novos invasores, e o alistamento, tal como fora concebido, offerecia graves difficuldades. Uma das maiores era o perigo de deixar os officiaes francezes, sós, no meio de homens que nem podiam inspirar confiança, nem ganhar affeição aos seus chefes, por que não fallavam a mesma lingua.

Esta ultima consideração determinou o general a introduzir os europeus nos batalhões dos zuavos.

Affluiram então ao serviço alguns estrangeiros. Clausel reforçou com elles os novos corpos, cuja organização não tinha podido ainda completar-se com a actividade que desejava. Pouco depois, o governo dirigiu para Argel os chamados *voluntarios da Carla*, gente turbulenta e perigosa na capital. O general incorporou-os logo nos zuavos.

Passados mezes voluntarios e estrangeiros cresceram tão extraordinariamente em numero, que d'uns e outros foram levantados dois novos corpos, a legião estrangeira, e um regimento de linha, exclusivamente composto dos contingentes francezes.

Resumindo, pode-se dizer que o nucleo dos batalhões de zuavos foi originariamente formado de indigenas das cercanias de Argel, e d'aquelles petulantes moços, conhecidos pelo nome d'*enfants de Paris*, crestados na infancia pelo fogo das barricadas, populares pela malicia, requestados pela jovialidade, ageis, temerarios, aptos para tudo, admiraveis no ataque, insubordinados por temperamento, exploradores astutos no campo, investigadores perigosos no povoado, e eterna alegria e eterno recurso das horas difficéis e temerosas.

Ordenada definitivamente a composição dos corpos de zuavos, o commando do 1.º batalhão foi confiado ao major Maumet, distincto official de estado maior. O capitão de engenheiros Duvivier, conhecido já como soldado e como escriptor, foi encarregado de commandar o 2.º batalhão.

Nem menos de dezeseis generaes serviram como officiaes subalternos, e mesmo como officiaes inferiores, nos primeiros batalhões de zuavos. São estes os generaes Levaillant (1), Lamoriciere (2), Maissiat, L'Admirault (3), Barral (4), Mollière (5), Drolenvaux (6), Blangini, d'Aute-marre, Repond, Bosc, Bisson, Gardarens, Barbaki, Vergé, e Duvivier (7).

VIII

Mez e meio depois da sua organização, já a nova tropa saia a campo. Clausel, bom mestre de guerra, ousado e ardente como no dia em que salvára o exercito cobrindo a retirada depois da batalha dos Arapiles, levava-a consigo á primeira expedição de Medeah. Os zuavos receberam o baptismo do fogo no desfiladeiro de Muzaia, tantas vezes illustrado depois pelo seu esforço e regado do seu sangue.

Tendodeliberado o general deixar em Medeah uma pequena guarnição de francezes e de indigenas, foram escolhidos os zuavos. N'aquelle posto avançado, atacado frequentemente, luctando com privações de todo o genero, era rude a aprendizagem; e foi cruenta muitas vezes. Os zuavos appareciam sempre na frente. Um dos seus capitães caíu ali.

Era o primeiro da longa lista de valentes officiaes que pagaram com a vida a illustração dos seus camaradas, lista gloriosa em que apparecem, abraçados com dolorosa fraternidade, nomes dos mais justamente celebrados na velha e na nova França, eraçum d'Harcourt (8), soldado que trazia no bernal uma coroa de duque, um Bessières (9), cuja espada prometia, como a de seu tio, vir a talhar um bastão de marechal, e a par d'estes Paraguy (10), um granadeiro da ilha d'Elba.

Como se vê a gloria adquirida pelos zuavos não lhes tem saído barata.

IX

As necessidades da guerra e da administração fizeram evacuar Medeah em principios de 1831, e enviar em expedição a este ponto importante, no mez de junho do mesmo anno uma columna ás ordens do general Berthezène. Os zuavos faziam parte d'esta expedição.

Repellida do paiz, como a columna desceesse aquelle perigoso desfiladeiro de Muzaia, em que já fallámos, a

- (1) Commandou a 5.ª divisão no exercito do Oriente.
- (2) Fora do serviço.
- (3) Morreu em África.
- (4) Morreu quando regressava do cerco de Roma, onde fora promovido a general de brigada.
- (5) Pediu a reforma em 1818.
- (6) Foi morto em Africa.
- (7) Morreu nos acontecimentos de junho de 1818, em consequencia de ferimentos graves.
- (8) O filho dos duques d'Harcourt, mancebo d'antiga nobreza e de uma das primeiras familias, foi morto em 1819. Tinha assentado praça de soldado, e como tal fizera todo o serviço. Quando succumbiu, cumprindo o seu dever, havia saído muito recentemente alferes. Os jornaes da epocha deploraram sentidamente esta perda.
- (9) O capitão Bessières, sobrinho do marechal duque de Istria foi morto no assalto de Laghuá, em 1832. Outro de seus irmãos tinha tambem morrido em Africa.
- (10) De soldado raso subira a chefe de batalhão, ou major. Era um homem chão, já entrado em annos, mas vigoroso e pratico estimado. Morreu em 1815.

rectaguarda foi furiosamente atacada pelos guerrilhas kabyllas, senhores e conhecedores de uma localidade favoravel.

As tropas vinham cançadas de uma marcha forçada, e extenuadas da intensidade do valor.

A columna desfilava por uma estreita asinhaga, entre serras escabrozias, sem terreno favoravel para se desinvolver e manobrar. O official, a quem está confiado o commando da guarda da rectaguarda, cáe ferido. Os soldados, cortados já do grosso da força, desanimados pela falta do seu chefe, desordenam-se e dispersam-se.

Duvivier, que ainda então commandava o 2.º de zuavos, avista o que se passa á rectaguarda, conhece o perigo, calcula a importancia do ataque e o comprometimento da posição, e contando com a agilidade admiravel dos seus recrutas, accorre com elles pela orla agreste de penedias abruptas, e cáe sobre os kabyllas attonitos.

Os voluntarios e os indigenas do batalhão ainda nem uniformizados estavam. Os indigenas trajavam as suas roupas fluctuantes sob as quaes se desinvolve a musculosa flexibilidade do tigre. Os parisienses conservavam a caracteristica blusa gaulesa, que favorece a desinvolvura gymnastica do popular francez.

N'uma só cousa havia unanimidade. A industriosa perseverança dos parisienses conseguira já estabelecer a fraternidade. As asperas gargantas arabes gargarejam o seu grito de guerra. Os parisienses, n'um *ensemble* formidavel, entoam a *Marselheza*. E precipitam-se juntos á carga, a ferro frio, sem calcular o numero, como tropas aguerridas.

A ardente perseguição dos kabyllas tornou-se circumspecta, e custou-lhes cara. A columna continuou a marchar em boa ordem todo o resto do dia, protegida pelo batalhão de Duvivier, que, rodeado de inimigos, mas conservando toda a sua presença de espirito, senhor de si, auxiliado por habeis officiaes, e certo já da sua gente, fez constantemente frente á rectaguarda, desfilando por pelotões d'aresta em aresta, e de comoro em comoro, alternando as suas companhias, rompendo a espaços um vivo fogo de secções, disputando enfim, o terreno palmo a palmo. Em todas estas evoluções os zuavos mostraram uma serenidade, uma firmeza, e ao mesmo passo, uma intelligencia e um ardor que lhes conquistou para logo a admiração do exercito.

Á noite a columna desembocou sobre um terreno mais desafogado, e as forças tomaram posição em volta do casal de Muzaia. Estava passado o perigo.

As honras do combate haviam sido todas para os zuavos, e para o seu chefe. A suaverdadeira gloria datou d'aquelle dia, e esta gloria foi subindo de anno em anno.

Continua.

MENDES LEAL JUNIOR.

O BERÇO IMPERIAL.

A apresentação do berço offerecido pelo corpo municipal de Paris, ao recém-nascido principe, primogenito do imperador dos francezes, teve lugar no paço das Tuilherias em 12 de março ultimo.

O berço tem a forma de um navio, que é a figura mais proeminente das armas de Paris.

No proa está collocada uma aguia com as azas meio abertas, e na popa um vulto humano representando a cidade de Paris, com manto de ouro, sustentando mais acima da sua cabeça a coroa imperial que remata a armação.

Aos pés duas deidades maritimas contemplam o berço com olhar protector, e por baixo em cada angulo se reas aladas, de prata, enroscam em numerosas espiraes as extremidades de suas caudas, compostas de escamas esmaltadas de varias cores.

Dos lados quatro medalhões de cores alegres representam as virtudes cardeas da paz; — a fortaleza, a vigilancia, a prudencia, a justiça; no espaço entre os medalhões veem-se as iniciaes N. E. do nome do principe Napoleão Eugenio.

Os materiaes empregados nesta obra elegante e rica foram pau rosa, esmalte, e prata oxidada, que produzem bellissimo effeito.

PORQUE?

Porque, languida essa frente,
Descas quando a tarde espira?
Porque nesse olhar dormente,
Teu pensamento delira?

Porque? ai! porque, — responde,
Que se amor do ceu procura,
Ei-lo, nesta alma se esconde,
Vive, é teu, tens a ventura.

Verás como então brilhante,
Seduz, tomq vida, inspira,
Esse teu bello semblante,
Que ninguém hoje admira!

Ilha da Madeira

BULHÃO PAPO.

(1) V. de Mars.

MAKI E BARKO

OU A INVEJA DE DOIS SELVAGENS.

(Anecdota Americana.)

A seguinte anecdota americana e uma critica delicada e cheia de verdade, feita a esses eternos pleitos e litigios, em que os bens e fortuna de muitos individuos se dissipam, não havendo já senão a ruina das familias, e muitas vezes a sua miseria, quando a justiça chega ao cabo das tricas e chicanas dos longos processos forenses e a por-lhes termo, proferindo as suas sentenças irrevogaveis.

É uma historia singela, que só tem a apparencia de um episodio da vida selvagem para aquelles que a lerem sem reflexão; mas que se apresenta rica de lição e profundo alcance moral, se for tomada debaixo das considerações que indicámos.

Conheceis o Mississipi, esse rio gigante da America, que a abraça com a sua immensidade de braços, que ora correm em brandos e limpulos arrosios, ora se despenham em catadupas caudales e a fertilizam e vivificam com as suas agoas?

Pois d'entre essas agoas surdem infinitas ilhas e ilhotas, tocados de verdura, erguendo aos ares, em esbeltos grupos, centenas de palmeiras, como cocares de plumas verdes que o vento agita em ondulações suaves e graciosas.

Bandos de passaros, das côres do iris, lhes esvoaçam em redor, misturando os seus gorgeios com o susurro brando dos bosques e com o murmurio dos riachos que brotam e serpeiam por entre as quebradas musgosas até irem esconder-se nos valles.

As suaves emanações do sandalo e da noz-moscada impregnaram os ares e arrebatam os sentidos nesta atmosfera de delicias.

Entre estas pequenas ilhas, porém, havia duas, que pela oppulencia da sua vegetação, pelos esplendores da natureza dos tropicos que nellas resplandeciam, attraíam mais principalmente as vistas do viajante.

Cada uma destas ilhas não tinha senão um habitante. O habitante da ilha Verde chamava-se Maki e o da ilha Redonda, havia por nome Barko.

Como porém os seus dominios eram vizinhos, os dois selvagens viviam em estreita e viva amizade, visitando-se um ao outro muitas vezes nas suas canoas de cortiça.

A melhor intelligencia os ligava n'uma doce intimidade, e fazia de seus desejos e prazeres a partilha commum de seus corações.

Maki era o melhor caçador d'aquellas paragens, e Barko não tinha rival na pesca.

Ninguém ousava medir-se com aquelle na audacia e ardilesa com que se internava nas florestas, subia ao mais alto das arvores seculares, trepava á crista das montanhas e de lá, com o arco retesado, disparava a frecha certa.

Tão pouco nenhum dos naturaes do Mississipi ia tão longe na temeridade de Barko, em affrontar com os perigos das agoas, e melhor sabia os segredos de attrahir ao laço os seus habitantes.

D'aquí seguia-se que os dois selvagens, como destros nestas duas artes de roubar á natureza os seus melhores productos para a sustentação do homem, e como estremos e inseparaveis amigos que eram, repartiam do resultado de suas fadigas, e ambos viviam sem conhecerem privações.

E para coroar esta doce harmonia parece que a natureza se comprazera em os tornar tão conformes, que nunca fazia nascer entre elles desejos ou gostos differentes, do que resultava que as suas riquezas eram como bens communs.

D'esta fórma viviam elles dos productos das suas ilhas, habitando cada um na cabana que haviam construido por suas mãos, edificada de bambus e coberta de folhas de palmeira.

O vestuario de qualquer d'elles era uma pelle de tigre; e pennas variegadas, como as caudas do pavão que reflectem jorros de luz quando o sol as illumina, lhes ornavam a cabeça, o peito e a cintura.

Mas a paz não dura muito, nem mesmo nos certões da America.

Um dia aconteceu que Barko, ao abrir os peixes que acabára de pescar, encontrou nas entranhas de um d'elles um semi-circulo de ouro enrequecido de pedrarias de lindas e variadas cores.

Um homem civilisado teria facilmente reconhecido o remate ou ornato dos formosos e elegantes pentes com que as hespanholas prendem os seus cabellos; mas o pobre selvagem jámais havia visto couza semelhante.

Depois de ter cantado e dançado de jubilo á vista de um tão maravilhoso ornato, tratou de o pôr na cabeça, como diadema, no pescoço, como collar, no nariz, nas orelhas, como argolas. Foi porém nas orelhas que Barko entendeu que lhe ajustava melhor; e por isso tratou de o segurar com solidez na orelha esquerda, donde ficou pendente elegantemente até tocar o hombro, afim de ser visto e brilhar com esplendor mesmo de longe.

O primeiro cuidado do bom selvagem foi de correr á ilha de Maki, a quem contou, entre as effusões de uma alegria expansiva, toda a sua fortuna.

Maki permaneceu como petrificado de admiração ante o pendente da orelha do seu vizinho.

Maki não tinha jámais visto, nem mesmo imaginado, couza que se lhe aproximasse em magnificencia.

Aquelle ornamento esplendoroso dava a Barko a apparencia de um deus.

Mas a admiração é impellida por um declive rapido que conduz á inveja. Maki deixou-se para ahí arrastar, ao começo sem o perceber, mas depois muito a seu grado e reflectidamente.

Porque motivo teria o seu vizinho, e não elle, achado um semelhante thesouro, perguntava elle a si mesmo? É elle por ventura mais gentil, mais esforçado, mais corajoso! Os peixes do *pae das aguas* não pertencem tanto a Maki como a Barko? Onde foi elle pescar esse portento de riqueza, que lhe pende da orelha, não foi nas aguas da ilha Verde, que é a minha ilha, que é dominio meu?

Estas reflexões, que em principio apenas germinavam no seu espirito, rebentaram por fim em duras e acerbias exprobrações.

Barko todavia respondeu-lhe com a arrogancia e em tom que lhe inspirava uma ventura recente. O peixe havia sido pescado no meio do rio; a joia pertencia-lhe pois legitimamente; e se tanto fosse necessario, elle defenderia o seu direito.

Os dois selvagens separaram-se com a mudez nos labios, mas um com a indignação n'alma e o outro com o odio e a inveja ralando-lhe o coração.

Só, entregue ás suas cogitações, Maki não podia pensar n'outra couza, que não fosse na joia achada por seu vizinho.

A sua felicidade enchia-o de furor; a vaidade insolente com que lha havia respondido, fizera-lhe nascer a mais profunda raiva contra aquelle que fora outr'ora seu amigo.

Os insultos que Barko proferira reviviam a todo o instante na sua imaginação, exaggerados e repassados de fel que o rancor lhes prestava.

Uma vingança prompta foi meditada: a manhã seguinte a hora escolhida

Barko, segundo o seu costume de pescar na proximidade da ilha Verde, julgada pelo antigo pacto de amizade dos dois selvagens, assim como a ilha Redonda, dominio commum, vendo um bufalo atravessar o rio, perseguiu-o na sua canoa e alcançou-o n'uma das margens da ilha Verde, onde o matou.

Maki, mal o percebeu, correu esbaforido, com a ira chispando-lhe dos olhos, e declarou que o animal lhe pertencia, porque se refugiara na sua ilha e ahí fora morto. A disputa tomou calor e de simples palavras vieram a braços. Barko ferido, retirou-se para a sua cabana, mas com o odio e a anciedade da vingança referendo-lhe no animo.

O habitante da ilha Verde, comtudo, não carecia do aviso d'estas ameaças para tomar as suas precauções. Elle sabia o que tinha a temer do seu adversario, valente e vigilante: assim dispoz-se para tudo.

Aproveitando-se pois da noite, embarcou-se sem fazer o menor ruido, cortou as agoas cautellosamente na direcção da ilha Redonda, abicou á praia, tomou terra, encravou a canoa na areia, deitou-se no chão e assim se foi arrastando, com o ventre cosido com as sinuosidades e acasos do terreno, como uma serpente, até chegar á cabana de Barko, na qual saltou de supito, com a sua hacha de guerra na mão e o furor espumando-lhe dos labios.

Mas a cabana estava vazia. O mais que pôde fazer foi deitar-lhe fogo, e voltar rapido para a sua ilha.

Mas qual não foi o seu pasmo, quando, ao chegar á praia, viu que na ilha Verde, do seio do grupo de arvores que protegia e sua habitação dos rigores do inverno e das ardencias do estio, se erguiam immensas chammãs, acabando n'um espesso rolo de fumo que se perdia na atmosphera?

A sua cabana acabava de ser incendiada por Barko! Os dois vizinhos tinham-se encontrado ambos na mesma idéa de vingança, e ambos estavam sem abrigo.

Mas isto não foi mais do que o preludio da porfiada e crua guerra que entre elles se declarou.

Deste dia em diante, Maki e Barko conheceram que toda a ventura e abundancia de que tinham gosado até então, lhes era impossivel.

Ocultos nas brenhas, escondidos nas profunduras dos valles, cogitando sempre nos meios de predispor ou evitar os laços que urdiam um ao outro, viviam uma vida errante, incerta, curtida de privações, tomada de sobresaltos, com as armas constantemente na mão e a idéa de perseguição, e morte, de de exterminio na mente.

Era uma vida propriamente selvagem, mas em toda a cruesa e ferocidade dos instinctos da perversão humana, quando as idéas do bem os não suavizam e convertem em gratas e generosas aspirações.

Nem mesmo o somno, esse ultimo refugio das grandes angustias, lhes fechava as palpebras, porque a raiva os reduzira a um tal estado de aggressão, que o dormir para qualquer d'elles seria a morte.

Varios recontros, sem resultados definitivos, mas sempre mal feridos, os atearam mais em seus odios, terminando pelos tornar invencivelmente irreconciliaveis.

Maki sentia a sua inveja augmentar com o seu rancor.

Cada vez que enxergava ao longe Barko com a dispu-

tada joia pendendo-lhe da orelha, fulgurando e como que mais ateados a sua cubica com esses mesmos brilhos que o sol lhe fazia reflectir em mil focos de luz, o coração enchia-se de novas ondas de fel.

Que lhe importavam as feridas que retalhavam o corpo de Barko, as fomes e sedes que elle soffria havia mezes, se o appetecido brinco lhe resplandecia ainda na orelha?

A vantagem ainda era d'elle, porque podia ainda oppor á nudez e miseria do seu vizinho essa joia portentosa, cuja posse tão irreconciliaveis os tornára.

Este pensamento dominante excitava em Maki os mais vivos transportes de raiva.

O triumpho do seu adversario era-lhe insupportavel: resolveu-se a uma lucta decisiva.

Com esse intento, armou-se da sua terrivel hacha e da sua faca, atravessou a nado o espaço que separava as duas ilhas, porque a sua canoa, bem como e de seu vizinho, já tinham sido destruidas, por elles, procurou de se acercar de Barko arditosamente e caiu sobre elle de subito, soltando um grito medonho.

Mas o seu inimigo evitou o golpe que lhe devia dar a morte; lançou mão repentinamente das suas armas, e oppoz ao furor do assaltante uma defesa desesperada.

O odio e o esforço disputavam a palma naquellas duas almas.

Feridas profundas lhes retalhavam já o corpo. Maki sentiu a acha do seu inimigo abater-se por vezes sobre a sua cabeça: mas no excitamento da raiva, proseguia em combater com a mesma furia e vigor.

Por fim um golpe tremendo, o derradeiro! estendeu Barko a seu pés. No mesmo instante lançou-se sobre elle, soltando um terrivel brado de victoria que eccoou pelas brenhas, brado como um ullulo de satisfação infernal.

A este brado respondeu Barko com o ultimo gemido. O selvagem havia deixado de existir.

Ebrio de orgulho e de alegria, Maki avançou a mão e arrancou ao cadaver a joia tão porfiada e longamente disputada.

Emfim era sua!

Tantos soffrimentos, tanto exaspero, tantas privações e angustias tinham uma recompensa.

Elle possuia finalmente o tropheo que havia de testemunhar para sempre a sua victoria.

Depois de o haver contemplado com um sorriso satânico, Maki apartou os seus cabellos, empastados de sangue, para se ornar com o brinco de ouro.

Mas como que machinalmente as mãos que elle tinha erguido até á cabeça, detiveram-se.

Um grito medonho, como do exaspero que rebentasse com todas as forças humanas, saiu de seus labios.

Os dois golpes de Barko, desfechos sobre a sua cabeça, haviam-lhe cortado, cerceas, ambas as orelhas!

Possuia a joia do seu inimigo, mas não tinha lugar onde a collocasse.

Maki deixou pender o rosto e cravou vistas desvairadas em tudo que o rodeava.

O desespero havia succedido naquella alma á satisfação.

Em torno de si não viu senão as ilhas, outr'ora tão virentes e floridas, devastadas agora e resequidas; as ruinas das suas cabanas; alguns restos das canoas que lhes haviam pertencido; e o cadaver d'aquelle que fôra seu amigo!

E nada mais!

ANDRADE FERREIRA.

BIBLIOGRAPHIA.

A LITHOGRAPHIA: ENCYCLOPEDIA INDUSTRIAL.

Recebemos o projecto de um Jornal com este titulo, que se deve occupar especialmente de objectos relativos ás diversas artes liberaes e mechanicas.

A Lithographia promette apresentar nas suas columnas e biographias, descripções de monumentos, artigos de modas, peças de musica etc, alem da doutrina puramente restrita ao fim do jornal, isto é, artigos sobre duração origem e melhoramentos de todos os ramos artisticos, procurando reunir-lhes estampas e vinhetas appropriadas á inlote dos mesmos artigos.

Publicar-se-ha todas as segundas feiras de cada semana, em folha de quatro paginas com uma estampa em separado e os preços serão por trimestre 500 rs, por numero pago á entrega 50 rs, por numero avulso 80 rs.— As assignaturas e vendas fazem-se nas lojas do costume.

É sempre bem vindo um jornal qualquer, que tenha por fim a propagação de conhecimentos uteis. A Lithographia, se realisar o seu programma pode prestar valiosos serviços ao seu paiz e como tal bem merecer de seus compatriotas.

Desejamos-lhe de coração uma larga vida e um auspicioso futuro, de que esperamos se tornará digna pelos esforços das pessoas, que a redigirem e publicarem.

O SEGUNDO DUQUE DE LAFÕES.

Eirei D. Pedro II teve uma filha e dous filhos fóra do matrimonio; um d'estes o infante D. Miguel, nascido em 15 de outubro de 1699, creou-se e recebeu esmerada educação nas letras e artes liberaes, em depois se mostrou

perito. D. João V; quando reinante, o reconheceu por irmão e lhe conferiu o tratamento de alteza, bem como posteriormente o título e honras de duqueza a D. Luiza Casimira de Souza, herdeira da casa de Arronches, com quem casara o infante, como escrevem Severim de Faria nas «Not. de Portugal discurso 3.º» o P. Castro no seu mappa, 2.ª parte cap.º 8.º, e o P. Sousa na «Historia Genealogica».

Pereceu o infante D. Miguel de tragica morte por naufragio no Tejo em 13 de janeiro de 1724, e apparecendo o corpo em 5 de fevereiro, foi sepultado no convento de Santa Catharina de Ribamar, de frades arrabidos. Deixou tres filhos; D. Joanna, que teve o titulo de duqueza de Lafões como sua mãe, e que enviuvou sem successão, sendo casada com o 4.º Marquez de Cascaes; D. Pedro de Bragança, 1.º duque de Lafões, que nasceu a 19 de janeiro de 1718, e D. João de Bragança, nascido a 6 de março de 1719, para quem passou o titulo, succedendo a seu irmão falecido aos 26 de junho de 1791.

Notaremos, como caso accidental, que o anno em que nasceu o duque D. João, 1719, foi assignalado por singulares phenomenos naturaes, colhendo-se no mez de Dezembro maçãs e cerejas perfeitamente maduras, segundo aponta o academico Alvares da Silva nas «Observações meteorologicas».

Recebeu este principe educação conforme ao seu nascimento, que ajudada dos dotes de sua intelligencia, aperfeiçoou-se na sua longa residencia nos paizes estrangeiros. Em vida de seu irmão foi obsequiado com muitas distincções e regios favores; porém, assim que elrei D. José assumiu o sceptro viu-se o duque obrigado por expressa ordem a sair de Portugal, resolução esta cuja origem se ignora, querendo alguém attribui-la a certos amores com pessoa de baixa esfera, o que não é muito acreditavel, attento o caracter do duque; comtudo, fossem quaes fossem as causas é certo que só depois do falecimento d'elrei D. José voltou ao reiuo.

(Continuar-se-ha).

CHRONICA SEMANAL

No sabbado houve grande concorrência ao theatro francez. O mundo elegante estava ali quasi todo. Esta denominação abrange o passado, o presente e o futuro. As tradições são respeitadas e gozam dos mesmos privilegios. A moda tão inconstante em tudo, só n'este ponto é tenaz. Conseguindo entrar n'aquelle circulo, não se torna a sair. Flores vigorosas e meladas formam igualmente o bouquet da elegancia. Vai da disposição d'ellas e não da qualidade.

Nos camarotes observava-se este matiz. Duas frisas porém, quasi fronteiras uma á outra, sobressaíam a quanto as rodeava. Eram duas flores verdadeiramente formosas bem que differentes no aspecto da formosura. Era a flor meridional rivalizando de esplendor com a flor do norte. A primeira ostentava a cor peninsular, a origem arabe; e via-se que tinha crescido aos raios deslumbrantes d'este sol ardente; a segunda como as plantas vigorosas do norte parecia ter desabrochado n'aquella rapida efflorescencia, que um raio de sol provoca da terra ao desfazer dos ultimos gelos. Uma d'ellas pendia graciosamente sobre a haste, como buscando a sombra, a outra erguia-se arrogante como aspirando a luz.

Deixemos as comparações botanicas.

Que duas mulheres! como o ideal do sexo se revela n'ellas por differente forma. Fitai os olhos negros, rasgados e languidos d'uma e sentireis despertar em vós, toda a voluptuosidade de que sois susceptivel; fitai depois esda outra e vereis que viveza, que poder magnetico! Obrigaráo os vossos a baixarem-se sem que elles pestanejem. Uma realisaria a Odalisea como a descreve Mery nas vaporesas e poeticas *Notes do Oriente*; a outra a Amazona antiga.

Ó *Amitié*, de Scribe, e o *Croque-Poule*, de Rosier, foi o expectaculo da noute. A comedia de Scribe, apesar de não ser das melhores do distincto dramaturgo não deixa comtudo de inspirar interesse e prender a attenção. Dividida em tres epochas distinctas, que formam cada um dos actos, a acção ressent-se da difficuldade que havia de conservar dez annos de intervallo, que os dividem.

O nome do author, a intenção que parecia haver na comedia, e o ter esta sido escripta ultimamente, tudo nos fazia esperar, que iam os applaudir uma produção do genero e valor da *Camaraderie*. Eganámo-nos. Fica-lhe muito inferior.

No primeiro acto apresenta-nos Scribe, tres manechos almoçando á sombra d'uma frondosa arvore, na mais completa intimidade e jurando reciprocamente a mais leal e eterna amizade. Um por todos, e todos por um. As suas aspirações e desejos saem-lhe espontaneos dos labios; este quer ser financeiro, aquelle homem de estado, e o outro author dramatico.

Quando se levanta o panno para o segundo acto realisaram já todos tres as suas ambições. Mas o presente fez-lhe esquecer todo o passado. Aquelles juramentos, aquellas promessas desapareceram logo que se offereceu a occasião de as cumprir. A amizade foi sacrificada ao interesse pessoal.

No terceiro acto como é de suppor, os dois amigos tem-se tornado inimigos capitaes. Só o poeta dramatico

mostrou coração, ficando o mesmo sempre. É elle que no fim da grande lucta consegue renovar os antigos laços que os prendiam, mandando-lhe preparar, no momento em que o financeiro e o politico iam combater, um almoço igual ao que á vinte annos tinham tido debaixo d'aquella mesma arvore, e conduzindo-os á mesa, os obriga pelo poder das recordações a lançarem-se nos braços um do outro.

Presente-se em toda a comedia a idéa que o author teve de se reproduzir em scena, reservando para si um brilhante papel. É o unico que está desenvolvido e desenhado com relevo artistico. Os mais estão apenas esboçados, e entre elles o de *Malvina*, é que tem os traços mais caracteristicos.

Na execução houve igualdade; Minne no terceiro acto teve bellas intenções comicas; Luguet exaggerou por vezes, mas teve scenas de comedia que descomprou com arte; Langeval conservou a dignidade propria do caracter que representava.

Effectuou-se o que tinhamos prognosticado que acontecería com a representação do *Croque-poule*. Alcançou um exito brilhante. Esta comedia que havia sido bem interpretada no theatro de D. Fernando por dois artistas distinctos como era Mlle. Lobry e Mr. Thibaut, não perdeu absolutamente nada na repetição, antes ganhou n'algumas scenas a que imprimiram desta vez mais realce. Rosier encontrou mais dois interpretes dignos da sua espirituosa comedia.

Com que graça, finura, espirito e *coquettismo* Mlle. Roqueville revelou a apaixonada e caprichosa esposa do solteiro-marido! Como soube ser artificiosa e terna, verdadeira e falsa, seductora e ingrata, sentimental e alegre!

Ninguém dissimula melhor, sentindo tanto; ninguém finge com igual verdade; ninguém retracta com mais arte a astucia feminina; ninguém illude tão bem. Compreendeu o seu papel, como só pôde comprehendel-o uma mulher de espirito.

Minne disse o monologo em que define a triste posição em que se acha collocado em frente de sua mulher, com fina intenção e graça natural.

No fim o publico saudou os dous artistas com bravos e applausos.

Não param ainda aqui as novidades que apresentou o theatro francez esta semana. Bem diz o nosso rifão—mais vale tarde do que nunca. A direcção tinha feito uma grave injustiça a Mlle. Roqueville; era um dever reparal-a. Foi o que fez, restituindo-lhe o papel de *mlle. de la Seigliere*, que competia de direito á sympathica ingenua da scena franceza, e que havia sido confiado no principio da epocha a mlle. Fontenelle.

Censurámos n'essa occasião semelhante distribuição e mlle. Roqueville soube agora justificar brilhantemente a nossa censura. No conceito de todos os entendidos a comedia lucrou immenso na substituição.

Em S. Carlos tivemos o *Trovador* para beneficio do tenor Volpini. Esta admiravel e vigorosa composição de Verdi, foi executada com mais igualdade que era de esperar. Surprehendeu-nos deveras. A Srª Spezia cantou com sentimento, e imprimio relevo dramatico á sua parte. Teve momentos de feliz inspiração. Bartholini era o mesmo que já tinhamos ouvido e freneticamente applaudido. Que expressão, que *bravura*, que entusiasmo domina o seu canto. Aquella voz é um prodigio, e como tal é vibrada pelo distincto barytono. Volpini é das operas, que melhor tem cantado.

O theatro esteve revoltado toda a noite. Havia uma pateada preparada e logo aos primeiros applausos rebentou estrepitosamente. Pareceu-nos infundada e injusta. A execução do *Trovador*, é das mais iguaes que ali temos ouvido este anno.

Circulavam no salão diversos boatos sobre a sua origem. Dizia-se promovida por differentes causas. Uns asseguravam que era pelo arrojio que tivera a Srª Spezia em cantar semelhante opera depois de Mme. Castellan. Outros fundavam-a por umas trocas de notas (sem serem do banco, mas tambem soffriam descontento) que fizeram na partitura. Dizemos só notas porque a nossa sciencia muzical não alcança mais longe. Estes allegavam as recordações do Miraglia e alguns os mais logicos o prazer do barulho.

Todas estas razões são tão fortes e convincentes que as não discutimos.

Transcrevemos a interessante carta que o celebre fohetista Julio Janin, dirige a mr. Twisk, florista em Alkmaar (na Hollanda) agradecendo-lhe o ter baptisado uma nova tulipa com o seu nome.

«Como sois benigno, senhor, e quanto vos estou agradecido! Dêstes o meu nome á vossa tulipa, e eis-me aqui na minha idade e já com cabellos brancos, renovado n'uma flor! De certo se eu esperasse uma metamorphose, não seria esta, uma flor! Uma tulipa! um dos adornos do proximo mez de maio! Em quanto tantas pessoas que valem mais do que eu, são reduzidas a escrever o seu nome sobre a neve do Monte-Branco, sobre a areia do deserto, no vertice das pyramides, no campanario das altas cathedraes! O estio derrete o gelo, o vento leva para longe a areia do deserto, a pyramide pôde desmoronar-se, a cathedrae cae por terra; pelo contrario, a flor brilhante apenas expira, torna a nascer, e o seu nome resplandece com um novo lustre.

Que immortalidade pôde haver mais generosa e mais encantadora. Sou mesmo mil vezes mais feliz do que se

tivesse uma estatua! A estatua podem despedaçal-a! depende da fortuna e do capricho popular; Athenas quebrou n'um dia, as trescentas estatuas que havia erguido ao seu tyranno. Quem quereria despedaçar uma flor? que temerario ousará arrancar a tulipa do seu pedestal de relva? Graças a vós, pois, eis-me immortal! Sêde louvado, sêde abençoado por esta boa obra; ha hoje algum merito em galardoar, ainda que não seja senão com um sorriso, os escriptores honestos que ficaram fieis á liberdade, e que não sabem fazer *Cantatas*. Demais, com que direito impor a alguma innocente tulipa, ornamento da terra e presente dos ceus elementes, o nome d'um traidor ou d'um adulador da sua força? Ha tanta cicuta e tanto joio, tantos cardos e tantos cogumelos venenosos que podem ter o nome de tal gente!

Terei grande cuidado da minha tulipa e já procuro para sua gloria um bello vaso ornado das mais delicadas pinturas, onde ella possa, a seu commodo, nascer e crescer. Vou tambem collocal-a debaixo da excellente guarda d'um grande florista, M. Lemichez, que ficou fiel á rainha dos francezes.

Faço votos, senhor, para que algum dia vos possa abraçar e agradecer, e não perca a esperanza de vos encontrar antes de morrer. Demais, vós tendes em vosso favor um proverbio consolativo: «Da memoria de rosa (e de tulipa) nunca se viu morrer um jardineiro.»

Permitti-me, entretanto, que vos aperte a mão de todo o meu coração. *Julio Janin.*

No theatro normal teve logar o beneficio do actor Tasso com a representação do *Cedro Vermelho*, drama em 5 actos, do nosso amigo Francisco Gomes de Amorim. Esteve uma enchente. O drama agradou e foi entusiasticamente applaudido.

As honras do desempenho couberam ao beneficiado. Teve rasgos admiraveis, e dignos d'um primeiro actor. No final parecia inspirado e arrebatou completamente a platéa.

Reservamos para a seguinte chronica a analyse litteraria do drama.

ERNESTO BIESTER.

O VAPOR CISNE PASSANDO A PONTE DE GALATA.

O *Cygne* era um vapor de construcção propria para a navegação fluvial e fazia as suas carreiras no rio Saône; Mr. Magnan quiz provar que com o seu invento de cavernas chatas o barco podia fazer viagem no mar alto; e para isso empreendeu o trajecto das costas de França até Constantinopla; superou muitas difficuldades e até commetteu arrojios, que maravillaram todos os maritimos n'aquelle porto, como por exemplo, fazer passar o vapor pelo arco da ponte de Galata que dá serventia aos caiques e outros vasos menores. Por fim o *Cygne* socobrou; o que no dizer dos peritos nada prova contra o systema de Mr. Magnan, porque Constantinopla é o porto classico das grandes avarias.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AURCA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 19.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 3 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja do mesmo auctor.*

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADICÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

AVISO.

Roga-se aos srs. Assignantes tanto das Provincias como da Capital que não tem satisfeito as suas assignaturas, o obsequio de o fazerem com a possivel brevidade; os das Provincias pelo seguro do correio, e aquelles da Capital dirigindo-se á loja do Edictor, rua do Ouro n.º 227.

O Edictor espera que os srs. Assignantes reconhecendo a justiça d'este seu pedido serão, como cavalheiros, promptos em o satisfazer.